

**AS SOCIALIZAÇÕES PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA:  
quando o indivíduo sai da sua microbolha e se torna produto da sociedade<sup>1</sup>**

Anna Júlia Braga de Oliveira<sup>2</sup>

Gabriela Martins de Melo<sup>3</sup>

Iara Massari de Almeida Santos<sup>4</sup>

Isabelle Maier de Alencar<sup>5</sup>

Mariana Lopes de Castro Loures<sup>6</sup>

**RESUMO**

A socialização primária é a responsável por formar a base do indivíduo, é o primeiro contato deste com o mundo exterior. Já a socialização secundária impõe ao indivíduo submundos dos quais ele desconhece, com isso, percebe que existem outras culturas, outras ideologias além da dele. O presente artigo pretende explorar as influências das socializações primária e secundária na formação do indivíduo enquanto produto da sociedade. A metodologia utilizada na elaboração desse trabalho foi de pesquisas bibliográficas e documentais. Como conclusão principal o artigo identificou uma convergência entre as duas socializações, a educação, porém a mesma é passada de maneiras diferentes pelas socializações. Na primária ela é transmitida pela família; na secundária é através de outros contatos como a escola e outros grupos sociais.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi desenvolvido na disciplina "Linguagens e Interpretações, do curso de Direito das Faculdades Integradas Vianna Júnior, sob a orientação da prof. Rachel Zacarias

<sup>2</sup> Graduanda em Direito pelas Faculdades Integradas Vianna Júnior- jujubraga09@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Direito pelas Faculdades Integradas Vianna Júnior- gabrielamartinsdemelo@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em Direito pelas Faculdades Integradas Vianna Júnior- iaramassari@hotmail.com

<sup>5</sup> Graduanda em Direito pelas Faculdades Integradas Vianna Júnior- belle\_alencar@hotmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:      SOCIALIZAÇÃO.      SOCIEDADE.      INDIVÍDUO.  
INTERIORIZAÇÃO. INTERAÇÃO. GRUPOS SOCIAIS. FAMÍLIA. INSTITUIÇÕES.  
INSTITUCIONALIZAÇÕES.**

## **INTRODUÇÃO**

A todo minuto vários indivíduos são submetidos a novas experiências, novas sensações, as quais muitas das vezes vão de frente com as ideologias desses indivíduos. Estes podem interpretar de uma maneira positiva ou negativa: positiva porque todo conhecimento é válido, negativa porque esse conhecimento pode ser contraditório com tudo que ele já aprendeu até aquele momento. Esse trabalho irá contribuir para a compreensão desses fenômenos e irá mostrar a reação dos indivíduos em cada contexto apresentado nos seus tópicos. O objetivo geral deste artigo é explorar as influências das socializações primária e secundária na formação do indivíduo enquanto produto da sociedade. Para isso, recorreremos à pesquisa bibliográfica e documental.

No primeiro tópico há o esclarecimento do evento socialização, processo pelo qual as pessoas apreendem e internalizam as normas e valores que lhe são impostos. Também se entende por socialização o processo de conscientização realizado por um indivíduo sobre a estrutura social que está inserido. A socialização é de extrema importância na formação de indivíduos com personalidades diferentes.

No segundo tópico estudam-se as instituições e suas atuações no indivíduo e é apresentado de uma forma sociológica e biológica, acontece uma correlação entre os estímulos do ambiente natural e do ambiente humano. Ademais, as instituições atuam de uma maneira autoritária no indivíduo, já que são capazes de controlar os seus comportamentos.

No terceiro tópico tem-se a apresentação da socialização primária, quando o indivíduo se comunica pela primeira vez com um grupo de pessoas, a família. A socialização que possui mais afeto, mais carinho e é mais íntima ao indivíduo. Com

---

<sup>6</sup> Graduanda em Direito pelas Faculdades Integradas Vianna Júnior- [marianalopesdcl@gmail.com](mailto:marianalopesdcl@gmail.com)

esse vínculo todo com a família, o indivíduo terá mais dificuldade em aceitar outras ideologias.

No quarto tópico mostra-se a socialização secundária, momento realizado a partir do convívio do indivíduo com outros grupos sem ser a sua família e, na maioria das vezes, a socialização secundária não confirma a socialização primária. O sucesso da socialização secundária depende da primária, pois se esta for muito fechada e rígida, dificilmente o indivíduo aceitará algo diferente do que ele está habituado.

No quinto tópico trata-se sobre as influências que são impostas pelas socializações sobre o indivíduo e há a identificação de um ponto em comum entre elas: a educação. Porém, a educação é imposta em contextos diferentes por instituições também diferentes.

## **1 SOCIALIZAÇÃO: SUA DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS**

Peter L. Berger e Thomas Luckman (2006), em sua obra, “A Construção Social da Realidade”, defenderam o processo de socialização como algo existente desde os primórdios da evolução humana, sendo essencial para a construção das sociedades em diferentes âmbitos do mundo. A definição literal de socialização é entendida como coletividade, como ato ou o efeito de socializar, enquanto na sociologia ela é vista como um processo pelo qual o indivíduo é biologicamente integrado numa sociedade.

De acordo com os mesmos autores, um ser humano não se insere em uma sociedade de fato, caso esteja sozinho. A ideia de que ele se torne um homem estando isolado é utópica. A construção de uma sociedade provém da relação entre um grupo de indivíduos, ou seja, o processo de socialização se inicia quando uma comunidade interage entre si, criando hábitos, costumes e, por fim, regras a serem seguidas. Dessa forma, analisam a atividade humana como conduta no ambiente material e também na exteriorização de significados subjetivos, além de afirmarem que toda atividade humana está sujeita a hábitos. A assimilação desses hábitos cria

diferentes vertentes de pensamentos, formando culturas dispares ao longo do tempo. Ainda na obra, é explanada a ideia de que, em conjunto, os homens produzem um ambiente próprio, miscigenando suas formações socioculturais e psicológicas.

O ser humano, portanto, de acordo com Berger e Luckman (2006) cresce dentro de certa esfera social, sendo influenciado pelas crenças da mesma. Assim, entende-se que a socialização faz parte da vida de todos os indivíduos desde o princípio da vida, o que a torna extremamente importante para a formação de diferentes tipos de personalidades. Essa diferença se dá devido a interiorização do aprendizado proveniente das pessoas ao redor, que são responsáveis pela socialização de uma criança, por exemplo. A criança crescerá com a visão das pessoas que a cerca, tendo a visão de somente um mundo.

O sociólogo francês Durkheim (2011), em sua obra, "Educação e Sociologia", defende a educação como socialização da jovem geração pela geração adulta, confirmando assim que esse processo dita as relações sociais que serão estabelecidas pelos indivíduos até certa fase da vida. Depois que o ser humano atinge certa idade, ele aprende a sair da bolha de seu grupo social, conhecendo assim a existência de outros mundos. Mesmo sofrendo influência de seu grupo, não é somente um grupo social que fornece informações a esse indivíduo, mas todos os outros grupos existentes ao seu redor. É como se a visão de mundo fosse expandida e em uma espécie de epifania ele fosse capaz de definir o próprio caminho, o oferecendo assim, a capacidade de ter autonomia. No tópico a seguir, a fim de entender e aprofundar o assunto, será apresentada e discutida a importância das instituições sociais e sua atuação na socialização de um indivíduo.

## **2 AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS E SUAS ATUAÇÕES NO INDIVÍDUO**

Para que haja um completo entendimento a respeito das instituições sociais e suas aplicações, a teoria de Portmann (apud BERGER, LUCKMANN, 2006) diz que ao contrário da maioria dos mamíferos, o ser humano tem seu período fetal

estendido por todo o primeiro ano após o nascimento, nesse período ocorrem importantes desenvolvimentos orgânicos que estão, a todo o momento, sendo influenciados por uma organização sociocultural específica, o que faz com que a formação do homem não dependa somente de aspectos biológicos, mas também de estímulos sociais determinados que este sofre logo após o seu nascimento. A partir desta teoria, pode-se entender a formação do eu humano como a síntese da correlação entre os estímulos do ambiente natural e do ambiente humano, sendo que esses estímulos podem ser os mais variados de acordo com cada tipo de sociedade. Portanto, é impossível que o homem se desenvolva como homem no isolamento, porque seu organismo só pode ser compreendido no contexto em que foi formado, assim como também é impossível que o homem isolado crie um ambiente humano, visto que o que cria este ambiente é o conjunto das formações socioculturais e psicológicas dos indivíduos.

Para Berger e Luckmann (2006) a existência humana está diretamente ligada a um contexto de ordem e estabilidade. Esta ordem é fruto da progressiva atividade humana, explicada a partir do fato de que os impulsos biológicos do organismo humano obrigam o próprio homem a criar mecanismos para controlá-los. Porém, outras causas, além da biológica, fazem com que o ser humano mantenha uma ordem social, entre estas causas está a teoria da institucionalização.

Para os referidos autores, qualquer ação humana frequentemente repetida torna-se hábito. As ações habituais transformam-se em uma rotina, fazendo com que o indivíduo alivie suas tensões ao diminuir suas tomadas de decisões durante a maior parte do tempo. Isso traz um ganho psicológico ao indivíduo que passa a admitir essas ações habituais como o certo a se fazer (BERGER, LUCKMANN, 2006).

Para Tenbruk, 1952 (apud BERGER, LUCKMANN, 2006) as tipificações das ações habituais constituem as instituições. Essas tipificações são sempre compartilhadas, são acessíveis a todos os membros do grupo social e a própria instituição tipifica os autores individuais. As tipificações das ações não podem ser criadas instantaneamente, elas precisam de uma história compartilhada para serem construídas logo, não é possível entender as instituições sem entender seu processo

histórico. As instituições também possuem um caráter controlador inerente a estas, direcionando a conduta humana e criando padrões de comportamento.

Conforme Tenbruk (apud BERGER, LUCKMANN, 2006), dizer que algo foi institucionalizado é o mesmo que dizer que está submetido ao controle social, porém, quando a institucionalização não é totalmente bem-sucedida se faz necessária a criação de novos mecanismos de controle social, como, por exemplo, os organismos de sanções.

Para que haja a tipificação dita acima, é preciso uma situação social duradoura entre dois ou mais indivíduos. A partir deste ponto, os indivíduos começam a poupar seus esforços em atividades individuais ou conjuntas, pois fazem parte de um sistema de rotinas supostas como corretas. A atividade que cada um exerce passa a ser previsível, não mais oferecendo insegurança ou perigo ao outro, estando, assim, a instituição cristalizada (BERGER E LUCKMANN, 2006).

Depois que a instituição está cristalizada, insere-se um novo indivíduo nesse sistema, ele passa a experimentá-lo como algo superior a ele próprio, um fato exterior e coercitivo. Isso porque existe uma história que antecede a sua inserção e que não faz parte de sua memória bibliográfica. Assim, esta história tem caráter de objetividade, como dito na obra de Berger e Luckmann (2006).

Para tais autores, a atuação das instituições sobre o indivíduo pode ser caracterizada como coercitiva, porque independe da sua vontade. O caráter objetivo delas não se abala caso sua finalidade não seja compreendida. Porém, a objetividade do mundo institucional é produzida pelo próprio homem, ou seja, o homem em coletividade e o mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro, produzindo uma relação dialética.

Quando novas gerações vão sendo inseridas nessa sociedade e o conhecimento vai sendo transmitido, a realidade social vai se tornando mais maciça, porém esta realidade é histórica, o que a coloca em posição de tradição e não de instituição, sendo uma tradição é mais fácil que o indivíduo se desvie das condutas pré-estabelecidas, porém, as instituições pretendem ter autoridade e controle sobre os indivíduos. Para que as instituições alcancem sua pretensão, elas precisam ser legitimadas, o que ocorre através da linguagem que além de ser seu principal

instrumento, também lhe atribui a lógica sobre o mundo social, necessária para que o indivíduo entenda que pertence à uma estrutura consistente (BERGER, LUCKMANN, 2006).

Para Berger e Luckmann (2006, p.93): “[...] toda instituição tem um corpo de conhecimento transmitido como receita, isto é, conhecimento que fornece as regras de conduta institucionalmente adequadas.” Este conhecimento é visto como um conjunto de verdades universalmente válidas sobre a realidade, portanto, qualquer um que se desvie dessas condutas está se afastando da realidade.

O corpo de conhecimento produz um tipo específico de pessoa, cuja identidade só tem significado nesse mesmo contexto, em outras palavras, a institucionalização precisa que cada indivíduo exerça um papel no mundo social, porque ao fazê-lo, interioriza esses papéis, tornando-os subjetivamente reais para si. Neste sentido, os autores concluem:

Tais papéis têm grande importância estratégica numa sociedade, uma vez que representam não somente esta ou aquela instituição, mas a integração de todas as instituições em um mundo dotado de sentido. Naturalmente, estes papéis ajudam a manter esta integração na consciência e na conduta dos membros da sociedade, isto é, tem uma relação especial com o aparelho legitimador da sociedade (BERGER, LUCKMANN, 2006, p. 106).

A seguir, para um melhor entendimento prático dos assuntos abordados acima, serão apresentados dois tópicos: o da Socialização Primária e o da Socialização Secundária.

### **3 A SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA: CARACTERÍSTICAS E A FORMAÇÃO INICIAL DO INDIVÍDUO**

Peter L. Berger e Thomas Luckman (2006) retratam que o ser humano tem dentro de si a necessidade da convivência, socialização. Assim sendo, durante a infância, ocorre a socialização primária, onde a criança aprende e interioriza a linguagem, as regras básicas da sociedade, a moral e os modelos comportamentais

do grupo a que se pertence. Uma vez que a relação se passa no seio da família, pares e vizinhança são estes os entes encarregados da socialização que estabelecem mediação entre o mundo e a criança. Modificam-no de acordo com as suas especificidades e com a raiz na biografia de cada um, e ainda mais, o candidato à socialização está perante um conjunto predefinido de outros indivíduos que ele tem de aceitar como seus significantes. A socialização primária tem um valor primordial para o indivíduo e deixa marcas muito profundas em toda a sua vida, já que é a partir dela que se constrói o primeiro mundo do indivíduo.

David Émile Durkheim(1999) em seu livro,“Da Divisão do Trabalho Social”, propôs a solidariedade dividida em orgânica e mecânica. A socialização primária se relaciona com a solidariedade mecânica, onde o indivíduo estaria ligado diretamente à sociedade, sendo que enquanto ser social prevaleceria em seu comportamento sempre aquilo que é mais considerável à consciência coletiva, e não necessariamente seu desejo enquanto indivíduo.

Conforme aponta Raymond Aron (1999) em seu livro “As Etapas do Pensamento Sociológico”, nesse tipo de solidariedade mecânica de Durkheim, a maior parte da existência do indivíduo é orientada pelos imperativos e proibições sociais que vêm da consciência coletiva. Nestas sociedades, os indivíduos que a integram compartilham das mesmas noções e valores sociais tanto no que se refere às crenças religiosas como em relação aos interesses materiais necessários a subsistência do grupo. É justamente essa correspondência de valores que irão assegurar a coesão social. Então esse tipo de socialização é essencial para o indivíduo, pois deixa marcas muito profundas em toda a sua vida, carregando forte apelo emocional já que é aí que se constrói o primeiro mundo do mesmo.

Para Aron (1999) essa socialização primária, envolta pela importância dos carinhos, afetos e valores familiares, chega incompleta à escola. A família é considerada como instituição muito importante no processo de aprendizagem e é por esta que são interiorizadas normas e valores, assim como formas de relacionamento. Através da aprendizagem e da interiorização de normas, regras e valores o indivíduo aprende a viver em sociedade e integra-se na mesma, quando consegue uma percepção do mundo e da sociedade e conseqüentemente com os

outros, esse participa na sociedade, socializando com outros indivíduos.

Max Weber (2009) em um texto clássico, intitulado “Os Três Tipos Puros de Dominação Legítima”, o qual se encontra em seu livro, “Economia E Sociedade”, apresenta a dominação tradicional como a expressa na socialização primária. Na dominação tradicional a autoridade é pura e simplesmente, suportada pela existência de uma fidelidade tradicional; o governante é o patriarca ou senhor, os dominados são os súditos e o funcionário é o servidor. O patriarcalismo é o tipo mais puro desta dominação. Presta-se obediência à pessoa por respeito, em virtude da tradição de uma dignidade pessoal.

De acordo com o mesmo autor todo o comando se prende intrinsecamente a normas tradicionais (não legais). A criação de um novo direito é, em princípio, impossível, em virtude das normas oriundas da tradição. Também é classificado como sendo uma dominação estável, devido à solidez e estabilidade do meio social, que se acha sob a dependência direta e imediata do aprofundamento da tradição na consciência coletiva. A socialização primária termina quando o conceito do outro generalizado ficou estabelecido e registrado na consciência do indivíduo. A interiorização da realidade nunca termina nem se completa e é aqui que entra a socialização secundária. Quando existe divisão de trabalho e ao mesmo tempo alguma distribuição social dos conhecimentos, torna-se necessário uma socialização secundária já sujeita a uma dominação racional-legal.

#### **4 A SOCIALIZAÇÃO SECUNDÁRIA: CARACTERÍSTICAS E A TRANSFORMAÇÃO DO INDIVÍDUO**

De acordo com Berger e Luckmann (2006) a socialização secundária é todo e qualquer processo posterior que introduz um indivíduo já socializado em novas e diferentes realidades sociais de convivência da sua sociedade, é a interiorização de “submundos” institucionais ou baseados em instituições, é a concomitante distribuição social do conhecimento de funções específicas direta ou indiretamente resultantes da divisão do trabalho. Tais “submundos” são geralmente realidades

parciais, em contraste com o “mundo básico” que é apresentado ao indivíduo durante a socialização primária.

Em conformidade com os mesmos autores, a socialização secundária é constante, tendo em vista que o mundo social está sempre em mudança. Ela começa a partir do momento em que o indivíduo deixa de receber informações de maneira inquestionável e percebe que a sociedade que se conhece é na verdade apenas uma entre várias outras e vai até o fim da vida. A mesma acontece em todos os lugares, desde a escola ao local de trabalho.

Para Berger e Luckmann (2006, p.181), os problemas formais da socialização secundária são determinados por seu problema fundamental, “a suposição de um processo precedente de socialização primária, isto é, deve tratar com uma personalidade já formada e um mundo já interiorizado.”.

Ao chegar nesses novos grupos sociais, na maioria das vezes, o processo de socialização secundária não confirma o processo de socialização primária e o indivíduo se depara com uma realidade contrária à sua, são jogadas a ele novas exigências, expectativas e o mesmo não consegue atendê-las, provocando uma crise nos saberes, o que muitas vezes tem como consequência conflitos, como o preconceito, por exemplo. Deve-se observar que quanto mais complexa for a sociedade, mais complexo será o processo de socialização. (BERGER E LUCKMANN, 2006).

Concordante com os autores citados acima, para que o indivíduo tenha uma socialização secundária eficaz, antes de tudo, é necessário que o mesmo tenha vivenciado um processo de socialização primária regular. Quando a socialização primária vem a faltar ou falhar, o futuro traz consigo complicações, que ocorrem durante o processo secundário de socialização, o que resulta em marcas profundas em parte da população que não teve acesso a uma socialização primária de qualidade.

Segundo Berger e Luckmann (2006), as funções da socialização secundária contém um alto grau de formalismo e anonimato, tornando-as, portanto, fáceis de serem descartadas, pois ao contrário do processo primário de socialização em que o tom de realidade do conhecimento é dado praticamente de forma automática ou

“natural”, o processo secundário é visto de forma mais “artificial”, o que o torna uma realidade mais difícil de estabelecer-se, sendo assim:

São necessários graves choques no curso da vida para desintegrar a maciça realidade interiorizada na primeira infância. E preciso muito menos para destruir as realidades interiorizadas mais tarde. Além disso, é relativamente fácil anular a realidade das interações secundárias (BERGER, LUCKMANN, 2006, p.184).

Os referidos autores entendem que o fato deste processo secundário conter um baixo grau de identificação não é de tudo ruim, porque permite sequências de aprendizado racionais e emocionalmente controladas, sendo preciso a criação de técnicas especiais para que se produzam a identificação e inevitabilidade tidas como necessárias.

As técnicas citadas acima seriam destinadas a intensificação de carga afetiva presente na socialização secundária, nesse sentido Berger e Luckmann (2006, p.187) concluem que: “[...] a socialização secundária adquire uma carga de afetividade de tal grau que a imersão na nova realidade e o devotamento a ela são institucionalmente definidos como necessários.” Por conseguinte, o seu relacionamento com o pessoal socializador torna-se carregado de significado, o que leva o indivíduo a se entregar completamente à nova realidade.

## **5 AS INFLUÊNCIAS IMPOSTAS NO INDIVÍDUO PELOS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA**

Os processos de socialização determinam as condições de formação da identidade de cada indivíduo. Os indivíduos nascem em épocas diferentes, portanto, sociedades diferentes, uma vez que estão em constante mudança. Sendo assim, é impossível falar de socialização sem entrar na problemática da identidade. O que significa imaginar que essas duas esferas - a individual e a social - antes de se omitirem reciprocamente, são, ao contrário, partes da mesma realidade e da mesma vida coletiva (MEDEIRO, 2002).

Durkheim, 1963 (apud MEDEIRO, 2002) em sua tese, a educação ocupa um lugar essencial e é definida como "um sistema de ideias, de sentimentos, de hábitos que exprimem em nós, não nossa personalidade, mas o grupo ou os grupos de que nós fazemos parte". Cada pessoa está sujeita à educação nas várias etapas de sua existência, porém essa educação é imposta em fases diversas e por instituições diferentes.

Lane (2006), em seu livro, "O Que É Psicologia Social", explica que tudo começa com o nascimento do ser humano, já que o próprio não consegue sobreviver sem outro ser humano e, com isso, ele acaba se tornando membro de um grupo, onde começa a sua socialização primária, o seu primeiro contato com o mundo. Esse grupo é a família cuja educação será imposta ao bebê este será moldado de acordo com as regras e ensinamentos transmitidos a ele ao longo de sua infância, assim:

A instituição familiar é, em qualquer sociedade moderna, regida por leis, normas e costumes que definem direitos e deveres dos seus membros e, portanto, os papéis de marido e mulher, de pai, mãe e filhos deverão reproduzir as relações de poder da sociedade em que vivem (LANE, 2006, p.40).

Lane (2006) ainda afirma a influência da escola no indivíduo, mas podem acontecer paradoxos durante a sua frequência nessa instituição, já que ela é responsável por ensinar princípios, objetivos, conteúdos, direitos e deveres, os quais são definidos pelo governo a fim de garantir uma homogeneidade social e o progresso do país. Paradoxo porque pode acontecer de os ensinamentos da família serem diferentes dos transmitidos pela escola e, como consequência, o indivíduo começa a contestar o seu interior e a compará-lo com os outros. Essa contestação ocorre porque o indivíduo chega à socialização secundária já socializado, com seu caráter formado, contudo, ele percebe que além do seu interior existe um mundo mais amplo e mais complexo que o induz a outras influências.

Vale ressaltar que a socialização primária se encerra quando o ascendente do "outro significativo" (família) é trocado pela figura do "outro generalizado" (a sociedade), consentindo ao indivíduo envolver-se de forma autônoma em interações

com desconhecidos. A socialização secundária influencia o indivíduo a uma ressocialização, a uma reconstrução identitária, dessa forma, de uma maneira mais racional e consciente, esse mesmo indivíduo organiza o que é relevante ou não para si (ABRANTES, 2011).

Esse mesmo autor analisa o capitalismo existente na socialização secundária, o qual atua de forma desigual sobre as condições das classes sociais, ou seja, a classe mais favorecida está propícia às melhores atividades, lazer, ensinos, enquanto a classe menos favorecida tem que aceitar aquilo que lhe é imposto e não tem tanto direito de escolha.

Lane (2006) aponta a sua posição a respeito do capitalismo. Percebe-se que até as relações do trabalho são capazes de influenciar o contato, o convívio entre os indivíduos dentro daquele ambiente. Em síntese, pode-se observar como através do trabalho fecundo da sociedade se firmam classes sociais antagônicas, que, por sua vez, determinam as relações sociais entre os indivíduos. Ela afirma:

É esta contradição fundamental da sociedade capitalista que a ideologia dominante procura encobrir, não de forma consciente ou premeditada, mas decorrente da própria divisão de trabalho em intelectual e manual, cabendo à classe dominante o pensar a própria sociedade, e assim, decorrente da sua posição social, criar explicações a partir de uma visão fragmentada da sociedade (LANE, 2006, p.56).

Logo, o indivíduo sempre estará sujeito a novas interações sociais durante a sua vida, principalmente na sua comunidade, afinal, é através da participação comunitária que o indivíduo desenvolve a consciência de classe social. Com isso, gradativamente, os mesmos podem se organizar cada vez mais em grupos maiores e mais estruturados objetivando uma ação que irá transformar a sociedade. Porém, essa mudança se dá de forma lenta. Assim, pode-se completar que na comunidade o indivíduo estará aprendendo com os outros ou confrontando, pois corre o risco de se “[...] descobrir diferente, único e, ao mesmo tempo, assumir a igualdade de direitos e deveres, a responsabilidade de pensar, de decidir e de agir, é um processo que se desenvolve em meio às práticas e reflexões sucessivas. ” Deste modo, forma-se o indivíduo (LANE, 2006).

## CONCLUSÃO

A socialização do indivíduo é fundamental para a compreensão da formação do caráter do mesmo. A partir do momento que a pessoa entende como ela se socializa no seu grupo social, simultaneamente, ela vai reconhecendo as influências que lhes são impostas tanto pela socialização primária, quanto pela socialização secundária e, assim, percebe a importância da convivência entre diferentes pessoas no mesmo espaço.

Como pode ser visto, a socialização é sinônimo de coletividade, ou seja, inicia-se quando há a interação de grupos sociais e esse coletivo cria regras, costumes, comportamentos que devem ser seguidos naquele grupo. Quando o ser humano reconhece que existem outros grupos além do dele, o mesmo passa a receber informações novas dessas diversas equipes que estão ao seu redor. Dessa forma, todo ser humano está sujeito à socialização.

A respeito das instituições sociais, dizer que algo está institucionalizado significa que o mesmo está subordinado pelo controle social. Ademais, o indivíduo sofre uma atuação coercitiva dessas instituições, pois não as conhece e pode sofrer de tipificações nessa relação. Além disso, o mesmo é influenciado pelas tradições a sua volta, porém as instituições fazem do possível para se manterem como autoridades na vida do indivíduo, para que ele não se desvie dos modelos pré-determinados.

A primeira socialização que o indivíduo enfrenta é a partir da família, aquele grupo de pessoas que está ligado intimamente a ele e que determina a sua linguagem, normas e valores. Pode-se afirmar que é a base do indivíduo e por isso é a socialização mais forte, uma vez que possui muito afeto, carinho e amor entre os membros daquele grupo para com ele.

Como relatado, socialização secundária é quando o indivíduo já socializado percebe que o seu mundo não é o único e que o seu caráter pode não ser o mais correto frente aos outros. Com isso, há um conflito no interior do indivíduo e, como consequência, pode gerar preconceitos e intolerâncias com os outros “desconhecidos”. Vale ressaltar que a socialização secundária é constante, pois está

sempre mudando com o tempo.

Uma das influências mais preeminentes das socializações sobre o indivíduo é a educação, porque ela é dada por instituições diferentes em tempos também diferentes, logo, percebe-se que há uma convergência entre essas duas socializações. Na primária, tem-se a família como influência maior, já na secundária tem-se a escola, grupo de amigos ou até mesmo o capitalismo.

Portanto, a socialização é um fenômeno eterno e indispensável na vida de cada ser humano, tanto a primária como a secundária, são importantíssimas para o desenvolvimento do mesmo. O psicológico humano necessita da convivência e do contato, por mais que resultem em conflitos, até mesmo estes fazem parte da construção do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, P. Para uma teoria da socialização. In: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, 2011. Disponível em:<<  
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9864.pdf>>>. Acesso em 01 de maio de 2017.

ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. 5ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGER, P. L; LUCKAMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. 26 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.  
LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. 22ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MEDEIRO, M. S. F.; A Construção Teórica dos Conceitos de Socialização e Identidade. **Revista de Ciências Sociais**, v.33, n.1, 2002, p.78-86.

WEBER, Max. Os Três Tipos Puros de Dominação Legítima. In: WEBER, M.; **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Brasília: UnB, 2009. p. 128-141.